

DISCURSO, REGULAMENTO E PODER: A PRODUÇÃO DO SUJEITO ESAVIANO NO JORNAL ESTUDANTIL *O BONDE*

Jairo Barduni Filho*
Anderson Ferrari**

Resumo

Este artigo buscou capturar a produção deste estudante masculino através dos discursos presentes nas colunas “Venenos” e “Fatos e Boatos” produzidos no jornal estudantil *O Bonde*. Este circulou entre os anos de 1945 e 1963, e tinha como um dos objetivos dar voz aos estudantes no campus universitário, além de ir à “caça aos foras” cometidos por eles, controlando os colegas e as diferenças que se tornavam motivo de chacota. Para a investigação utilizamos da análise de sete colunas de “Venenos” e 6 de “Fatos e Boatos”. Todas as colunas estão imbuídas pela conotação da fofoca. A perspectiva investigativa vai ao encontro de Michel Foucault, que traz a possibilidade de pensar o sujeito em construção, especialmente a partir das duas colunas. Entendemos que é através das movimentações cotidianas que este sujeito esaviano se compõe enquanto produto e produtor das discursividades nas relações de poder estabelecidas na escola através do jornal *O Bonde*.

Palavras-chave: *O Bonde*. Discursividades. Poder.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu de uma pesquisa mais abrangente de doutorado em Educação na qual colocamos em discussão os processos de construção dos sujeitos a partir da organização e circulação de um jornal de época de uma escola agrícola no Brasil – ESAV. A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) foi inaugurada em 28 de agosto de 1926 e, a partir de 1969, foi federalizada como Universidade Federal de Viçosa (UFV). A construção da ESAV se inspirou no modelo norte-americano das Lant Grant Colleges¹, que imprimia o estilo educacional pautado nos três pilares: ensino, pesquisa e extensão.

Na década de 1920, a instituição se concretizou como um local de estudo hegemonicamente masculino, com seus preceitos e ensinamentos morais, aspectos incutidos em nome de um “espírito esaviano” – dizeres que a Escola herdou do modelo norte-americano. Neste sentido, a nossa intenção neste artigo é levantar alguns aspectos da constituição discursiva do sujeito esaviano tomando o controle de sua sexualidade como mecanismo privilegiado nos processos de subjetivação, ou seja, aqueles aspectos que dizem das formas como nos tornamos o que somos. Para isso, buscamos tomar os discursos que circularam em um jornal estudantil criado pelos próprios alunos da instituição como ferramenta de análise. O *Bonde* foi um jornal construído no interior da instituição, organizado e divulgado pelos alunos e que se transforma assim, num espaço em que podemos entrar em contato com as ideias,

* Pedagogo e doutorando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rfbarduni@yahoo.com.br.

** Prof. doutor em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: aferrari13@globo.com.

preocupações e investimentos dos alunos atravessados por relações de poder no que se refere às aproximações entre subjetividades e sexualidades.

O jornal estudantil *O Bonde* circulou entre os anos de 1945 e 1963, e tinha como um dos objetivos dar voz aos estudantes no campus universitário. Neste movimento podemos perceber quais eram os interesses dos alunos, de maneira que podemos trazer à tona as condições de emergência desses processos de subjetivação. Um aspecto recorrente nos jornais diz da “caça aos foras” cometidos pelos colegas, servindo assim como um grande mecanismo de controle das sexualidades e diferenças que se tornavam motivo de chacota. Para a investigação utilizamos da análise de sete colunas de “Venenos”, 6 de “Fatos e Boatos” – todas elas imbuídas pela conotação da fofoca. A perspectiva investigativa assumida é a pós-estruturalista, sobretudo a partir do encontro com as obras de Michel Foucault, que traz a possibilidade de pensar o sujeito em construção, resultado de discursos atravessados por relações de poder. Para isso, tomamos essas colunas do jornal dedicadas ao controle dos sujeitos e, conseqüentemente, à rede de sociabilidade presente no dia a dia dos praticantes dessa mídia extemporânea. Entendemos que é através das movimentações cotidianas que esse sujeito esaviano se compõe enquanto produto e produtor das discursividades nas relações de poder estabelecidas na escola e ecoadas entre os estudantes através do jornal *O Bonde*.

Tomar essas duas colunas como foco de análise nos possibilita perceber como se legitimam as escritas de verdade nesse jornal estudantil, a partir dos regimes de verdade que reforçam e que estão presentes no senso comum, principalmente no campo das sexualidades. Num investimento no homem, estudante agrícola, sujeito esaviano, a sexualidade serve para compor essas posições de sujeito que dialogam, se reforçam e se constituem em relação com a constituição do “outro” como diferente. Esse “outro” diferente que é o homossexual. As sexualidades só

se constroem em relação, de maneira que não é possível entender e mesmo “investir” nas heterossexualidades sem os discursos das homossexualidades. Desta forma, essas duas orientações sexuais se tornam lugares de produção de sujeitos para serem disseminados entre os leitores no intento de uma possível vigilância e enquadramento das movimentações estudantis. Podemos dizer que esse processo de investimento, controle e vigilância fazia ressonância com o ideal da administração da escola em produzir um estudante/homem dentro do *espírito esaviano*, que, em outras palavras, significava produzir um estudante/homem dentro dos preceitos da moral e ordem, fiel à tradição e ao nome da ESAV, bem como dentro do espírito de fraternidade a ser criado entre os alunos, um objetivo almejado pelos diretores da instituição.

1. “FATOS E BOATOS” E “VENENOS”

São nas colunas “Fatos e Boatos” e “Venenos” que se concentram uma dedicação maior à construção das fofocas e das chacotas em torno dos comportamentos considerados adequados aos alunos esavianos e que nos permitem relacionar a construção discursiva das homossexualidades como o seu oposto. As homossexualidades tornam-se um “problema” a partir do século XVIII (FOUCAULT, 1988). E ela se torna um problema social nessa época porque a amizade entre homens desaparecera. Pelo menos um sentido de amizade que permitia a intimidade, dando lugar à outra relação de “amizade” entre homens que se baseou na vigilância, no controle, na presença da mulher (seja como fato ou como assunto) como aquela que autoriza a relação entre homens, nas brincadeiras em que muitas vezes a chacota é algo permanente. Neste sentido, as pistas relacionadas à sexualidade no jornal *O Bonde* nos remetem a esse tipo de relacionamento entre homens que só parece permitido na medida em que há a presença de mulheres. A presença e relação de dois homens num

universo ausente do feminino é motivo suficiente para as suspeitas das homossexualidades.

As gozações regulatórias se ligam às suspeitas de comportamentos. Classificada como “algo sensacional”, o jornal vai construindo um ambiente de suspense, dando mais força à revelação do tal “segredo”. O jornal, sobretudo as duas colunas, passam a serem lugares de revelação de segredos, mantendo constantemente seu sentido de ameaça. A “sensacional” descoberta se transforma num chamativo enunciado para a publicização de um segredo, mesma estratégia que é usada para a venda de “revistas de fofocas” nos dias atuais como uma maneira de obter sucesso com a coluna. A gozação também está presente em “Fatos e Boatos”. Numa das reportagens dessa coluna, o protagonista, apelidado de Taxinha, é o foco de um deslize que teria cometido no carnaval, o que é suficiente para relacionar com a homossexualidade:

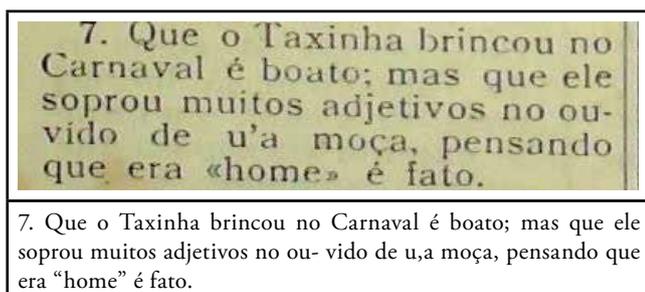


Figura 1 – Reprodução do jornal *O Bonde*.

Fonte: *O Bonde* (Ano 1946, número: 15, p. 2).

Em nenhum momento a palavra “homossexual” aparece explicitamente. No entanto, os colunistas parecem trabalhar com os saberes do senso comum que atribuem comportamentos como “agarrar Teatini, seu terrível conterrâneo” e “soprar muitos adjetivos no ouvido de u’a moça, pensando que era ‘home’”, como comportamentos que não são comumente aceitos entre homens heterossexuais, servindo para colocá-los no outro lado da fronteira dessa relação binária que a sociedade vai estabelecendo entre as orientações sexuais.

Os discursos das homossexualidades como perigo e ameaça atinge a todos. Atingem aos classificados como tais, uma vez que o aprisiona nessa identidade como algo definitivo e absoluto. Atingem aos outros leitores que, assim, se veem limitados ao exercício de outros tipos de masculinidades diferentes daquelas construídas pelas colunas do jornal. Tais fofocas e deboches se aproximam e dialogam com os sujeitos que se movimentam na zona de fronteira entre os gêneros, numa certa confusão com as orientações sexuais.

A fronteira é lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão. O ilícito circula ao longo da fronteira. Ali os enfrentamentos costumam ser constantes, não apenas e tão somente através da luta ou do conflito cruento, mas também sob a forma da crítica, do contraste, da paródia (LOURO, 2008, p. 19-20).

Ser homem no Brasil, diz de uma construção e relações de gêneros que se confunde com ser heterossexual. Os homossexuais quase se constituem um terceiro gênero, como se a experiência homossexual os expulsassem do gênero a que se filiam. Nesse processo de enquadramento, em que as orientações sexuais servem para uma nova delimitação – na medida em que os homens se aproximam da fronteira do que é feminino –, vai sendo construído um sentido de homossexualidade como aquilo que se afasta do que convencionamos como “típico” do masculino, servindo para construir tanto o gênero masculino, quanto as heterossexualidades e também as homossexualidades.

No entanto, há uma história mais distante que possibilita o surgimento da temática gay na sociedade brasileira, que é a própria história da constituição das homossexualidades como objeto de conhecimento do século XIX. A homossexualidade vem sendo produzida no contexto do que Foucault (1988) denomina de “dispositivo da sexualidade”, ou seja, práticas

discursivas e não discursivas que elaboram e dão status de verdade a determinados saberes sobre o sexo, o desejo e os prazeres. Esse dispositivo incide sobre os corpos, visando normatizar, vigiar, disciplinar a vivência da sexualidade, interferindo de modo sutil e naturalizado na forma como constituímos nossas identidades sexuais.

Analisar a sexualidade como “dispositivo normativo” e seus efeitos no campo do saber abre espaço para que possamos interrogar essas construções a partir de uma perspectiva histórica e problematizar até que ponto essas experiências que elegemos para análise se inscrevem nesse dispositivo, o fortalecem ou o colocam sob suspeita (FOUCAULT, 1988). Na *História da sexualidade I*, Foucault (1988), ao pensar a sexualidade em sua historicidade, elabora uma tese que é central para este artigo: as sexualidades são construções sociais. Com isso, ele nos diz que o dispositivo corresponde a uma rede que se estabelece entre “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 2006, p. 244). Posicionando-nos a partir dessa noção das sexualidades e assumindo-a como construção social, entendemos que as homossexualidades, como categorias, como “objeto de conhecimento”, são invenções do século XIX (FOUCAULT, 2006, p. 244). Mais do que isso, nos permite pensar o jornal *O Bonde*, no seu todo e especificamente as duas colunas que mais nos interessam – “Venenos” e “Fatos e Boatos” – como dispositivos que, no diálogo com os saberes, com a instituição, com as regras, vão construindo sentidos para as sexualidades e para os sujeitos. Vão definindo ao mesmo tempo em que sendo resultado dos espaços destinados a cada gênero no seu embaralhamento com as sexualidades. Desta forma, se frequentar a ESAV é sinal de masculinidade, a Escola Normal é o espaço privilegiado, senão exclusivo, da constituição das

feminilidades. Fugir desse enquadramento espacial também remete a outra forma de enquadrar. Assim, a alusão da frequência de um aluno homem à Escola Normal serve para a construção da homossexualidade, sem que seja necessária a explicitação dessa orientação.

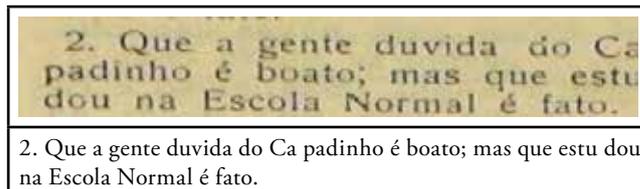


Figura 2 – Reprodução do jornal *O Bonde*.

Fonte: *O Bonde* (Ano 1946, número 16, p. 3).

Podemos dizer que são dois os processos que possibilitam a emergência das sexualidades. O primeiro é aquele que separa a vida social dos indivíduos entre diferentes campos, construindo, assim, um domínio referente à natureza psicológica das pessoas. O segundo processo consiste na construção da ideia de uma identidade sexual dos indivíduos, que vai estar ligada a uma essência. Essas construções serão determinantes na produção das homossexualidades, como algo que está no campo da Psicologia ou mesmo que diz respeito à essência da pessoa, sendo sua identidade mais verdadeira. Não por acaso, as perguntas mais recorrentes nos cursos de formação docente têm sido: “Qual a origem das homossexualidades?”; “Como posso ajudar meu aluno se ele for gay?” – questões que estão ancoradas na história das homossexualidades e nos discursos que nos remetem ao século XIX. Um tipo de conhecimento que nos constitui e constrói o que sabemos sobre as homossexualidades e os homossexuais.

Desse modo, em um determinado contexto histórico, surgem discursos e práticas que visam responder às demandas sociais. Será a partir do século XIX que as práticas amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo passariam a definir um tipo de sujeito marcado e reconhecido – o homossexual – recebendo o

lugar do desvio e da anormalidade (FOUCAULT, 1988). Desde então, de modo geral, a homossexualidade tem sido elaborada, em práticas discursivas e não discursivas, de forma notadamente “negativa”, “antinatural”, embora encontremos tentativas de questionamento e problematização dessas práticas por grupos gays e pesquisadores/as de diversas áreas do conhecimento.

Essa construção é notória, por exemplo, quando observamos que a possibilidade de ter um filho/a homossexual aflige muitas mães e pais, e a constatação desse acontecimento é algo que pode gerar muito sofrimento e muitos conflitos. Outro exemplo é a ideia de ter uma pessoa homossexual compartilhando o local de trabalho, a sala de aula ou um banheiro público ser algo incômodo, para não dizer repugnante ou agressivo. Inspirados em Foucault (1988), argumentamos que a sexualidade foi se tornando a verdade mais fundamental dos sujeitos. Uma vez que, por meio dela, poder-se-ia alcançar as verdades do ser, muitos desses comportamentos e sentimentos se justificariam: temos sido bombardeados por saberes médico-psiquiátricos, associados a valores morais/religiosos, que associam a homossexualidade a uma falha de caráter, posicionando-a como exceção à regra, como algo pecaminoso. Desse modo, notoriamente desviante, a homossexualidade se constrói a partir da categoria que é a referência nas sociedades ocidentais, ou seja, a heterossexualidade. Sendo ela o padrão, o centro, os sujeitos que não compartilham dela estariam nas margens, fora do centro, seriam excêntricos (LOURO, 2003).

Vivemos numa sociedade heteronormativa, o que significa dizer que nos jogos de representação cultural a heterossexualidade está posta no lugar de norma padrão. Pode ser importante analisar que esse lugar não é naturalmente constituído, mas é constantemente reiterado, ou seja, há um investimento sistemático para que os sujeitos entendam a heterossexualidade como natural, ao nível de um aprendizado sutil e naturalizado, posto em ação nas práticas sociais de

convivência. E este é um processo relacional, pois, junto à naturalização da heterossexualidade, temos a antinaturalização da homossexualidade.

Como argumenta Louro (1997), no contexto do pensamento moderno, as identidades sexuais costumam ser analisadas sob o viés dicotômico heterossexualidade/homossexualidade. Nessa operação, o primeiro termo seria a referência-padrão, e o segundo, o seu oposto, na lógica dominador-dominado. Porém, ao analisarmos essa relação, é possível perceber que esses polos se afetam mutuamente, se constituem em relações de poder, em que um é referência do outro, algo muito mais complexo e que vai além da oposição.

As análises de Louro (1997) nos remetem a questões importantes. Percebe-se que as identidades sexuais são construções sociais, culturais e discursivas e não simplesmente um dado da natureza, algo que possuímos naturalmente ou com o qual nascemos. E esse processo construtivo é feito por meio de hibridismos identitários, ou seja, as identidades interferem-se mutuamente, produzindo múltiplos sujeitos. Ao analisarmos as conexões entre gênero e sexualidade, esse processo relacional fica mais ressaltado. Rotineiramente, essas identidades são “confundidas”. Basta observarmos as formas de representação pejorativas relacionadas à homossexualidade: homens como “mulherzinhas”, mulheres como “sapatões”.

Essa concepção corresponde a um processo de “colagem” natural sexo-gênero- orientação sexual, ou seja, um indivíduo nasce com atributos anatômicos e fisiológicos aos quais deve associar a identidade de gênero correspondente – atributos masculinos (pênis, barba, força física) produziriam homens e atributos femininos (vulva, útero, seios) produziriam mulheres; sendo homens e mulheres (biologicamente falando), deverão orientar seu desejo sexual e afetivo por sujeitos do sexo oposto, ou seja, tornarem-se heterossexuais. Qualquer desvio desse trajeto “natural” ocasiona práticas de correção e exclusão.

Quando nos referimos às identidades sexuais, na perspectiva dos estudos culturais e dos estudos pós-estruturalistas, tratamos de processos transitórios, provisórios e relacionais. Como argumenta Britzman (1996):

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma *relação social* contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1996, p. 74 - grifos da autora).

Desse modo, como nos sugere Louro (1997), ao analisarmos a constituição das identidades sexuais, deveríamos empregar um olhar desconstrutivo, no sentido de perceber como essas identidades vêm se tornando o que são, de que formas essas identidades se tornam objeto de afinidade ou repulsa e, ainda, perceber que as identidades sexuais se constroem a partir da relação com o outro. Portanto, ao considerarmos que identidade e diferença estão intimamente ligadas, podemos argumentar que a lógica binária moderna pode ser rompida, e seus efeitos – hierarquia, classificação, dominação, exclusão – desalojados e colocados sob rasura.

Saberes e práticas que organizam a vigilância e que se estende aquilo que os bondistas classificam como “foras” em relação ao esaviano agrário. Na matéria: “Aos moços da polêmica”, a conotação do feminino é atribuída e ironizada em torno da discussão estudantil. É exaltado o “fora” ocorrido no duelo estilístico discursivo entre dois colegas, utilizando metáforas a respeito de objetos femininos como brincos e fitas para cabelo. A impressão é que é feita a reivindicação por uma atitude mais viril, característica do “espírito esaviano” e ausente na discussão. É como se o embate entre os dois colaboradores configurasse uma discussão feminina em

vão, um “atrato de mocinhas”, que poderia “manchar” a imagem tanto da ESAV, quanto dos colaboradores do jornal perante os ideais esavianos comungados pelos bondistas. Assim, o controle e a produção do modelo ganhavam mais elementos de reforço em externar e julgar as atitudes tidas como estranhas.

Mas, meus amigos, às vezes, sem que percebemos, nos enveredamos por outros caminhos e chegamos mesmo a desvirtuar a finalidade de uma polêmica, somos todos de uma mesma comunidade, ligados por ideais idênticos. E vocês já notaram que, do calor da sua luta, começa aparecer uma chamazinha ameaçadora? Por que então vocês (não tenho nada com isso, é- apenas uma “piruada”) não chegam a uma conclusão e deixam de oferecer fitas para cabelo, brincos, etc. A continuar assim, prevejo altas descobertas e se a moda pegar, não tardará termos uma Escola de homens, todos eles com brincos na orelha, fitas verde amarelo no cabelo ondulados, salto Luis XV e quem sabe, uma saínia bem justa e provocante, fazendo combinação com uma blusinha branca decotada, realçando um colo alvo e perfumado. (Nº 31 p. 1)

O homem esaviano parece ser uma produção que envolve a exaltação da sua virilidade. A fronteira entre o que é típico de homem e de mulher como opostos acaba organizando a classificação e imersão das homossexualidades. As características de virilidade ligadas ao homem e meiguice atribuída à mulher culturalmente podem ser pensadas na matéria “Carta de amor”, na qual uma moça, que utiliza o pseudônimo de *amorosa*, lança-se em direção a um rapaz esaviano, e, em um tom de reivindicação, externa seu incômodo com a falta de atitude do rapaz e solicita que ele rasgue o verbo nas suas ações viris para com ela. No fim da carta, ela dá uma dica, que é mais do que um pedido ou brincadeira, mas um apelo ao comportamento desse homem para com sua “natureza masculina”. Ou seja, ela o chama a honrar sua identidade masculina, afinal, socialmente

cabe ao homem quebrar a resistência feminina, e não o contrário, como se percebe no trecho da carta: “Assim, termino com um braço apertado, um desses beijos de desentupir pia, e o conselho de u’a moça que o quer: *homem que é ‘homem não bobeia’.*” (Nº 63 p.1)

A expressão destacada também volta a aparecer no número 108 do jornal, na matéria intitulada: “Novo Ano... Novas Esperanças”. O conteúdo da narrativa discorre sobre o cotidiano escolar na ESAV, e o autor da matéria, utilizando-se do pseudônimo Micrótomo, conta a respeito de um dia específico, no caso, a véspera de acolhimento dos calouros. Em meio a uma narrativa matutina de reflexões sobre o novo ano, o estudante dispara o seguinte: “Atenção meus amigos, muita atenção. *Homem que é homem, não bobeia,* diz sempre o Enxurrada.”

Em meio a esse cenário modelador, aparece o questionamento a respeito desse processo de fabricação masculina, do quanto ele é pesado em sua manutenção diária. Num trecho do jornal intitulado “Majestade”², o autor, cujo pseudônimo é Von, traz indagações a respeito da condição social imposta sobre os homens. Condição limitante para a afetividade masculina, como Nolasco (1993) apontou: “Os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, história de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori para eles.” Trabalhar com a ideia do que é “boato” e do que é fato se articula na construção das homossexualidades. O boato serve para levantar a dúvida, confirmada pelo fato.

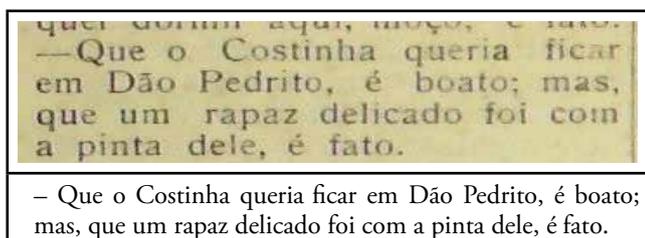


Figura 3 – Reprodução do jornal *O Bonde*.

Fonte: *O Bonde* (Ano, 1946 número:17 p.2).

A fofoca parece ser um tipo de discurso que permeou o jornal em seus 18 anos de circulação. Foi dada tanta importância para esse estilo de discurso enquanto regulação, que tais colunas foram criadas como demanda de tal necessidade. Pensando em Foucault, este afirma que existem alguns discursos como da religião, da política que “*são ditos*, permanecem ditos e ainda estão por dizer” (2010, p. 22). A ESAV e o jornal *O Bonde* espelham a sociedade viçosense da época, bem como o contexto nacional de valorização da moral e da ordem. A fofoca, assim, se constituiu como um tipo de discurso dessa cultura (estudantil interiorana), um discurso *a priori* daquele contexto pacato à espreita de um acontecimento.

2. O SUJEITO ESAVIANO A PARTIR DO DISCURSO DO “OUTRO”

Nesta parte do artigo, queremos tomar como análise um aspecto importante no que se refere à constituição dos sujeitos: a presença de um “outro”, marcado pela diferença, e como essa diferença nos convida a pensar a construção da “norma”, numa lógica binária em que se define mutuamente e em relação o que pode e o que não pode, o que é valorizado e o desvalorizado, o certo e o errado. No investimento por um sujeito esaviano, o jornal *O Bonde* reforça essa lógica de construção. Uma lógica que nos interessa no projeto de pensar e problematizar a respeito dos processos de construção dos sujeitos, que, segundo Foucault (1988), pode ser pensado a partir de três modos. Um relacionado ao saber, visto que, quando nascemos, já encontramos um mundo organizado discursivamente, de maneira que entramos em contato com saberes que nos constituem. Neste sentido, podemos dizer que somos muito mais resultado de discursos que produtores deles. Um segundo, que fala das relações de poder que atravessam esses saberes e organizam a relação entre as

pessoas e os discursos. E, por último, um certo cuidado no que diz essas relações, que nos permite colocar sob investigação a ação dos outros sobre cada um de nós e as ações de nós mesmos sobre nossas escolhas e formas de pensar.

Esses três modos, no entanto, não acontecem em separado, mas estão imbricados, concorrem entre si, se completam, se articulam nos processos de subjetivação. Em suma, “nos tornamos sujeitos pelos modos de investigação, pelas práticas divisórias e pelos modos de transformação que os outros aplicam e que nós aplicamos sobre nós mesmos” (VEIGA- NETO, 2007, p. 111). O sujeito se constitui a partir daquilo que dizem que ele é, daquilo que querem que ele seja e também daquilo que ele mesmo faz de si. Dessa forma, não há um sujeito natural, com uma essência dada, mas um sujeito contingente, sempre se construindo, sempre em processo.

Nesse processo, a linguagem, e, mais especificamente, o discurso, torna-se de fundamental importância, pois é no discurso que os saberes construídos sobre o ser humano são materializados. Foucault entende discurso não como um simples ato de fala, ou um mero conjunto de signos, “mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala.” (FOUCAULT, 2008, p. 55)

Pelos discursos, as “verdades” do sujeito são construídas. Mas quem fala? Quem pode falar? De onde fala? Essas perguntas nos levam a outra questão bastante cara ao pensamento foucaultiano: o poder. Quem pode falar e construir as verdades sobre o sujeito? Qualquer um pode falar de qualquer coisa? Foucault diz que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”

(FOUCAULT, 2010, p. 9). Assim sendo, falar sobre algo traduz a posição de quem fala em relação ao poder, e poder falar torna-se objeto de desejo.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2010, p. 10)

“Entre técnicas de saber e estratégias de poder, nenhuma exterioridade” (FOUCAULT, 2006, p. 109). Pelos discursos produzidos pelo saber, o poder pode ser exercido e veiculado. Mas, como não se pode falar de qualquer coisa, é pelo poder que se instauram os objetos do saber, é o poder que silencia algumas vozes e possibilita outras.

Circulando pelas relações sociais, o exercício do poder se dá na ação de uns sobre os outros, sendo que não se pode imaginar uma sociedade sem relações de poder. (FOUCAULT, 1993, p. 246). Agir sobre a ação do outro é uma forma de governar o outro, ditar comportamentos, modos de estar no mundo, subjetivar. É nesse sentido que podemos entender o poder como produtor. Produz sujeitos, na medida em que atua em sua forma de ser.

A partir dos séculos XVII e XVIII, a disciplina foi sendo caracterizada como fórmula geral de dominação e grande aliada do poder na produção de sujeitos. Ela aparece na organização dos espaços e do tempo, no posicionamento dos corpos, na demarcação de limites, na formulação de rotinas a serem cumpridas, na possibilidade de vigiar, avaliar, premiar e punir, entre outras circunstâncias que tornavam os corpos exercitados, prontos, cadenciados, dóceis. Produtora de comportamentos previsíveis e controláveis, produzia também hierarquias, vigilância de uns sobre os outros.

Tudo isso concorria na produção de saberes que aumentavam as possibilidades de controle das ações dos outros. (FOUCAULT, 2008). Coroando suas análises sobre a disciplina na produção de sujeitos, Foucault (2008), nos apresenta o panóptico³, modelo arquitetônico que possibilita um poder que se exerce silenciosamente, sem uso da força, a partir da invisibilidade de quem controla e da visibilidade de quem é controlado. Nesse modelo, basta que o indivíduo se sinta vigiado para se manter dentro de padrões de comportamento desejáveis e esperados.

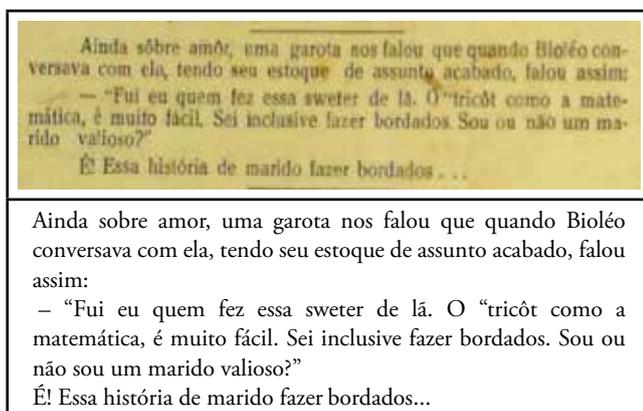


Figura 4 – Reprodução do jornal *O Bonde*.
 Fonte: *O Bonde* (Ano, 1951 número: 105 p.2).

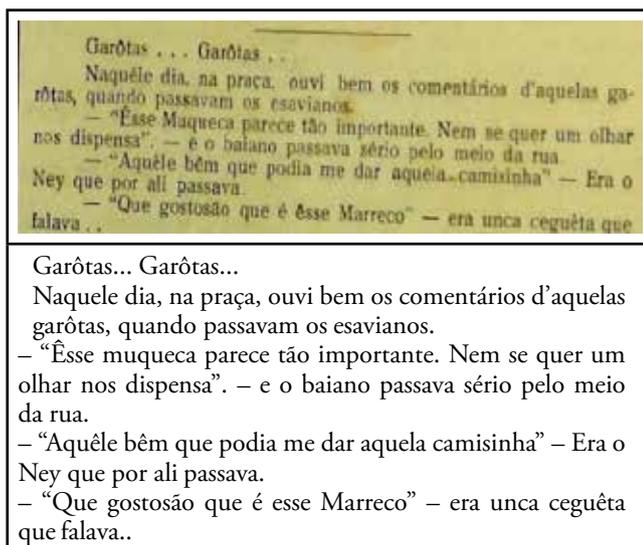


Figura 5 – Reprodução do jornal *O Bonde*.
 Fonte: *O Bonde* (Ano, 1951 número: 102, p.2).

Os recortes acima nos possibilitam pensar na fabricação do homem esaviano agrário, além de outras subjetividades no processo de classificação dos valores para o fortalecimento do modelo de homem impetrado pela e na escola. Modos de subjetivação presentes nos discursos e regulamentos que produziam este *espírito esaviano* e discursos irônicos a respeito de possíveis desvios de sexualidade. Tomando como inspiração o pensamento de Michel Foucault (2012) em torno da proposta arqueológica e genealógica de pesquisa, um método de pesquisa de escavação que nos convida a capturar discursos enquanto práticas que obedecem a regras do passado, fragmentos de ideias, aspectos esquecidos e que podem desvelar muito das construções de sentido de uma determinada época histórica. Como aponta Machado (2012), a arqueologia foucaultiana tem como ponto central visibilizar a relação dos saberes com os discursos e suas ligações com as instituições (p. 11).

A ideia de genealogia transmite compreender o andamento da história, as conjecturas, os jogos que permitem o encontro de uma invenção, de um sujeito, de uma norma, de um discurso. Fazer uma genealogia é tratar de fenômenos empíricos sem a pretensão de buscar a verdade totalizante. Encontrar uma origem, não no sentido de localização da verdade como essência historicamente natural, mas sim uma origem por desaguamento de encontros de forças, onde acontece a produção e a invenção de algo ou alguém. Esse movimento é completamente contrário a uma ideia de produzir uma nova ciência ou teoria, pois nem arqueologia nem genealogia teriam tais pretensões – “o propósito delas é realizar análises fragmentárias e transformáveis” (MACHADO, 2012, p.13). Neste sentido, o empenho genealógico realizado com as capturas no jornal *O Bonde* foi feito com objetivo de compreender a história desse sujeito esaviano através dos discursos, de sua maneira de se produzir, encontrados no jornal através

das colunas “Venenos” e “Fatos e Boatos”. Material que colaborou para o exercício de aproximação dos indícios que apontam para a gradativa produção desse homem.

Aliás, já que discurso e poder estão interligados, deixamos claro que o enfoque aqui são as relações vistas enquanto micropoderes, que se esparramam pelo tecido social e produzem subjetividades e (des)subjetivam também através dos discursos e das correlações de poderes. Ou seja, nos situamos dentro do campo pós-estruturalista, perspectiva na qual, de acordo com Hall (2006), a identidade seria definida:

[...] historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo deslocadas (p. 12-13).

Ainda é importante destacar que o poder para Foucault (2012) é algo que consegue uma manutenção, uma propagação devido a seu caráter de produção de saber, bem como de discurso de verdade e não a um aspecto repressor, pois, se assim fosse, este não seria obedecido. Há uma sutileza na maneira de se manter um poder, e essa sutileza, a nosso ver, é oferecendo aos estudantes um entretenimento discursivo que fala da vida dos outros, ao mesmo tempo ele acaba regulando a vida dentro do campus estudantil. O jornal é uma moeda de dupla face.

**DISCOURSE, REGULATION AND POWER:
THE PRODUCTION OF ESAVIANO SUBJECT
ON THE STUDENT NEWSPAPER “O BONDE”.**

Abstract

This paper aims to capture the production of this male student through the discourses

present in the Poisons Facts Rumors columns produced in the student newspaper *The Tram*. This circulated between the years 1945 to 1963, and had as an objective to give a voice to students on campus, and go “hunting forces” committed by colleagues, peers and controlling the differences that became a laughing stock. For research use analysis of 7 columns of Poisons, 6 Facts and Rumors. All columns are imbued with its connotation of gossip. The investigative approach meets Michel Foucault that brings the possibility of considering the subject under construction, specifically considering the two columns. We believe it is through everyday movements esaviano that this subject is equipped as a product and producer of the discourses of power relationships within the school through the newspaper *O Bonde*.

Keywords: *The Tram*. Discourses. Power.

**DISCURSO, REGLAMENTO Y PODER: LA
PRODUCCION DEL SUJEITO ESAVIANO EN EL
PERIÓDICO ESTUDANTIL “O BONDE”**

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo identificar la producción de este estudiante masculino a través de los discursos presentes en las columnas Datos Venenos Rumores producidos en el periódico estudiantil *The Tram*. Esta circulado entre los años 1945-1963, y tenía como objetivo dar voz a los estudiantes en el campus, y vaya “fuerzas de caza” cometidos por sus colegas, compañeros y el control de las diferencias que se convirtieron en el hazmerreír. Para el análisis de uso de la investigación de 7 columnas de Venenos, 6 Hechos

y rumores. Todas las columnas están imbuidos de su connotación de chismes. El enfoque de investigación cumple con Michel Foucault que brinda la posibilidad de considerar el tema en construcción, teniendo en cuenta especialmente las dos columnas. Creemos que es a través de los movimientos cotidianos esaviano que este tema está equipado de un producto y productor de los discursos de las relaciones de poder dentro de la escuela a través del diario *O Bonde*.

Palabras clave: El tranvía. Los discursos. El poder.

NOTAS

- ¹ Surgidas nos Estados Unidos na década de 1860, tais instituições tinham o objetivo de impulsionar a agricultura, demandada por pequenos e médios produtores, e se caracterizavam pelo ensino prático das atividades agrícolas (Ribeiro, 2010).
- ² Majestade era alguma garota da cidade de Viçosa eleita rainha da ESAV, evento que era um grande acontecimento social para o corpo discente. Segundo Borges (2006), a primeira rainha foi eleita em 1937, esta se chamava Marina Gomes.
- ³ Modelo arquitetônico concebido por Jeremy Bentham (1748-1832), jurista inglês, filósofo e reformador social. “Na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. (Foucault, 2008b, p. 165-166)

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M.: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, N., SCOTSON, L. J. *Estabelecidos e Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17 ed. São Paulo – SP: Graal, 1988.

_____. Tecnologias del yo. In: _____. *Tecnologías del yo y otros textos afines*. Trad. Mercedes Allendesalazar.. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990, p. 45-94.

_____. *História da Sexualidade II*: o uso dos prazeres. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rev. J. A. Guilhon Albuquerque. 12 ed. São Paulo – SP: Graal, 2006.

_____. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro – RJ: Forense Universitária, 2008.

_____. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. 35 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008b.

_____. *M. A ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, SP. 2010.

_____. *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 25ª Ed. – São Paulo: Graal, 2012.

_____. *A ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20ª Ed. Edições Loyola, São Paulo, SP. 2010.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAM-SÁNCHEZ, A. *A UFV nos tempos da Escola Superior de Agricultura- UREM*. G.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis:Vozes, 1997.

_____. *Currículo, gênero e sexualidade* : o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In.

_____. Guacira Lopes et alii. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis:Vozes, 2003.

_____. *Um corpo estranho*: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 1º ed.; 1º reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, R. Introdução: Por uma genealogia do poder In: FOUCAULT MICHEL. *Microfísica do Poder*.

Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. – 25º Ed. –São Paulo: Graal, 2012.

NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993.

RIBEIRO, M. G. M. – *Uma instituição modelar: a experiência da Escola de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – 1926 - 1948*. Uberlândia: Cadernos de História da Educação, v. 9, n. 1, - jan/jun 2010.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a Educação*. 2º Ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Editora Autentica, 2007.

N.J.8. Aos moços da polêmica. In. *Jornal “O Bonde”*, número 31, ESAV, 14/09/1946. FREDY. Venenos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 50, ESAV, 07/06/1947.

SILVANA. Venenos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 102, ESAV, 01/09/1951.

SILVANA. Venenos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 105, ESAV, 06/10/1951. XiXi. Fatos e Boatos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 17, ESAV, 06/04/1946. XiXi. Fatos e Boatos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 16, ESAV, 30/03/1946. XiXi. Fatos e Boatos. In. *Jornal “O Bonde”*, número 15, ESAV, 23/03/1946.

AMOROSA. A quarta responde: Cartas de Amor. In. *Jornal “O Bonde”*, número 63, ESAV, 10/04/1948.

Enviado em 17 de dezembro de 2013.

Aprovado em 1 de julho de 2014.